

A IGREJA DE CRISTO

E SUA

MISSÃO EVANGELIZADORA

Dr. REYNALDO PURIM

O AUTOR, além de ter exercido o ministério pastoral por 43 anos em Bangu, RJ, foi catedrático no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, RJ, onde lecionou as seguintes matérias: Apologética Cristã, Filosofia da Religião Cristã, Cristianismo e Cultura Contemporânea, Metodologia Teológica, Teologia Sistemática, Teologia do Novo Testamento, Teologia do Antigo Testamento, Religiões, Filosofia Contemporânea, História da Filosofia, Teologia Contemporânea, Epistemologia, Metafísica, Hebraico, Grego, Filosofia e Lógica.

Contatos:

Pr. João Reinaldo Purin

jrpurin2008@gmail.com

ÍNDICE

Introdução - 4

Capítulo 1

A PREPARAÇÃO DOS APÓSTOLOS COMO FUNDAMENTO DA IGREJA - 5

Capítulo 2

A FORMAÇÃO EM IGREJA PELO ESPÍRITO SANTO NO PENTECOSTES - 9

Capítulo 3

O REVESTIMENTO DE PODER DA IGREJA EM JERUSALÉM - 13

Capítulo 4

O PROCESSO MODELO EXEMPLIFICADO NA IGREJA GENTÍLICA EM ANTIOQUIA - 16

Capítulo 5

A IGREJA COMO AGÊNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NO PANORAMA MUNDIAL - 20

Introdução

Creemos que no tempo atual, principalmente nós os batistas precisamos reexaminar e fortalecer a nossa ideia e apreciação da obra de Jesus Cristo no estabelecimento da igreja e do que ela significa para nós e para o mundo.

Julgamos também que o assunto é necessário hoje em dia em face da tendência e mesmo dos movimentos por parte de determinados elementos para enfraquecer e mesmo fazer cessar a atuação da igreja ou das igrejas no mundo. Torna-se, pois, necessário hoje em dia conhecer os perigos que as igrejas enfrentam e defender o seu significado para a vida humana. Vamos examinar ou recordar, pois, o que a Palavra de Deus diz sobre a formação da igreja e a sua tarefa neste mundo.

Vamos notar inicialmente e com a máxima atenção possível que a igreja é uma instituição divina. Hoje em dia este fato nem sempre é reconhecido devidamente. Dizemos isto porque frequentemente instituições outras e puramente humanas às vezes tendem a tomar o lugar das igrejas como fossem aquelas as verdadeiras agências para a evangelização do mundo. Os batistas certamente creem na doutrina da igreja como ela se

encontra apresentada no ensino de Jesus e exemplos do Novo Testamento, posição esta que hoje nós precisamos manter e divulgar.

Vamos então iniciar o estudo sobre a edificação da igreja com um exame da preparação dos apóstolos como o fundamento da igreja.

Capítulo 1

A PREPARAÇÃO DOS APÓSTOLOS COMO O FUNDAMENTO DA IGREJA. (EFÉSIOS 2.20)

Notemos, inicialmente, que os evangelhos apresentam a constituição da igreja como um processo gradativo e em tese, como a obra de Deus Pai, de Jesus Cristo, e do Espírito Santo. A igreja, como instituição, é a obra da Trindade divina. Vamos examinar o processo desta obra começando com a primeira referência de Jesus a igreja no seu ministério (Mateus 16.18).

Já sabemos que quando Jesus disse a Pedro: *"E sobre esta pedra edificarei a minha igreja"*, ele referiu-se à igreja como *"minha igreja"*. Seria uma grande bênção para os crentes se estivessem sempre cientes de que a igreja a que pertencem, é uma igreja de Jesus Cristo. Este fato deve encher os seus corações de louvor. Devemos notar mais de perto ainda quando mencionou a edificação da igreja, Ele referiu-se como *"minha igreja"*. Em uma outra ocasião, Ele revelou também a obra de Deus Pai na constituição da igreja. Na sua oração antes de entrar no Getsêmani, Ele disse ao Pai: *"Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu nos deste, e guardavam a tua palavra"* (João 17.6). Nesta oração Jesus revelou que os homens que eram seus discípulos e que depois constituiriam o núcleo inicial da sua igreja, tinham sido encaminhados a Ele por Deus, Pai. Foram dados do mundo a Jesus. para que Ele lhes desse vida eterna; foram dados para que cressem em Jesus como enviado por Deus e para que depois pela sua palavra, também mais outros cressem. Os discípulos eram pessoas que, de um modo ou outro, tinham sido dados por Deus a Jesus; eram pessoas que vieram a achar no Nazareno o Messias prometido; eram pessoas que, em Cesareia de Filipos, confessaram que o Filho de Homem era o Cristo, o Filho do Deus vivo,

confissão esta feita por revelação de Deus Pai. Baseado nesta experiência de Pedro e dos outros discípulos, em cujo nome ele falou, Jesus declarou *"Sobre esta pedra edificarei a minha igreja"*. Assim os discípulos se tornaram pedras vivas na edificação da igreja de Jesus Cristo, discípulos estes que, no Pentecostes e na linguagem de Paulo, foram batizados em um Espírito, formando um corpo, que era a igreja de Jesus Cristo, sendo Ele mesmo o seu Cabeça.

Sem a obra do Espírito Santo no Pentecostes, os apóstolos nunca poderiam ser constituídos como igreja de Jesus. Por isso Jesus Cristo, durante o período a partir da confissão de Pedro em Cesareia de Filipos até a sua ascensão precisou preparar o seu pensamento para que realmente esperassem coletivamente crendo na promessa de Jesus, a sua constituição em igreja no Pentecostes. Como exemplos na atuação de Jesus em preparar os discípulos no próprio dia da ressurreição, no primeiro aparecimento aos discípulos, Jesus Cristo prosseguiu a preparação desses discípulos que já havia começado no seu ministério. Disse, por exemplo: *"Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós"*. E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes *"Recebei o Espírito Santo"* (João 20.21,22). Depois da grande comissão na Galileia, e depois ainda no dia da ascensão, disse novamente aos apóstolos que esperassem em Jerusalém a vinda do Espírito Santo como seu revestimento de poder. Foi assim que através da atuação de Deus Pai durante o ministério de Jesus, o Nazareno, e depois de Jesus completar a sua obra de redenção no Calvário e ressurreição pela vinda e operação do Espírito Santo no Pentecostes sobre os apóstolos que verificou-se o estabelecimento da igreja de Jesus Cristo no mundo, obra esta que foi do Deus Pai, obra esta de Jesus Cristo Salvador, e obra esta ainda, do Espírito Santo, Consolador, dado por Deus mediante a atuação do Deus Filho. Não estamos dando aqui um relato completo da preparação dos apóstolos e sua edificação em igreja. Mencionamos apenas os fatos para que nos alegremos e demos graças a Deus pela igreja constituída no mundo de modo maravilhoso.

Até aqui do nosso estudo mencionamos apenas como a igreja foi constituída pela Trindade divina. Agora precisamos mencionar também qual é a sua tarefa ou finalidade neste mundo. Jesus, quando mencionou a edificação da igreja, declarou também a sua tarefa. Disse: *"E as portas do inferno não prevalecerão contra ela"* (Mateus 16.18). A edificação e a tarefa são mencionadas juntas em sequência e como inseparáveis. Examinemos, portanto, agora a declaração de Jesus referente a tarefa da igreja. Vamos mencionar apenas o sentido da declaração de Jesus sem entrarmos no momento em quaisquer detalhes.

Para compreendermos esta declaração de Jesus e sua posterior atuação, devemos notar primeiro que Jesus, em todo o seu ministério, quanto sabemos, mencionou a *"igreja"* apenas em duas ocasiões (Mateus 16.17; e 18.17). Daí a importância desta afirmação. Falou em tese e

declarou só o fato essencial. Quando declarou *"as portas do inferno não prevalecerão contra ela"*, Jesus Cristo deixou claro que a tarefa da igreja será tomar a iniciativa para agir, atacar e destruir o poder da morte e do pecado no mundo. Para Jesus esta é a tarefa de todas as igrejas, em todo lugar e em qualquer tempo. Esta é a verdade que todo crente, como membro de uma igreja deve reconhecer como seu dever a cumprir.

Devemos notar ainda que a tarefa da igreja, declarada por Jesus, é a mesma para qual Jesus Cristo veio ao mundo, conforme declara o apóstolo João em sua primeira carta 3:8, onde lemos: *"Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo"*. A finalidade da vinda de Jesus ao mundo e da sua igreja é maior do que nós pensamos. Geralmente entendemos que a obra da redenção é libertar os pecadores da prisão do pecado, ou do diabo. Certamente é isto, mas não é tudo. A declaração de Jesus a Pedro e a palavra do apóstolo João é mais expressiva. A obra da redenção não é apenas salvar ou libertar os pecadores da escravidão ou da prisão do pecado, mas sim é destruir, dissolver o poder ou o reino do diabo no mundo; é desfazer as obras ou o poder do mal, como o sistema organizado do seu domínio sobre os homens. A tarefa certamente é libertar os pecadores da prisão, mas sua tarefa é também quebrar a própria prisão ou poder organizado do diabo, ou as forças organizadas com que ele mantém a humanidade em escravidão. A atuação redentora de Jesus Cristo é através da sua igreja, ou igrejas, como seu corpo, e através dos crentes como seus servos e membros do seu corpo.

A igreja precisa exercer a sua tarefa através dos seus membros como pessoas salvas. Para cumprir essa missão cada crente precisa anunciar o reino de Deus e interpretá-lo aos homens como indivíduos e a humanidade como um todo. Cabe à igreja e a cada membro seu em particular testemunhar aos pecadores como se podem libertar do pecado, ou como entrar na vida eterna mediante o arrependimento do pecado e mediante a fé em Jesus Cristo como Salvador. A salvação para o pecador é obra bilateral. A salvação propriamente dita é obra divina, pois o homem nada pode fazer para se salvar. Na salvação a parte humana é sua aceitação do que Deus já fez. É tarefa da igreja anunciar aos homens que Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, e pôs em nós a palavra de reconciliação para que convidássemos e rogássemos aos homens para eles de sua parte também se reconciliarem com Deus. A salvação cristã não é apenas negativa, ou apenas escapar da condenação; é também positiva, e para vivermos para Cristo. Cabe à igreja e aos crentes interpretar como devem os salvos andar na igreja ou no reino de Deus. Em resumo, a tarefa da igreja e dos crentes é fazer discípulos de todas as nações e ensiná-los como devem guardar todas as coisas que Jesus ordenou. Jesus Cristo declarou não somente a tarefa da igreja, mas também garantiu a sua vitória, dizendo que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Com isto colocou sobre a igreja a responsabilidade pela continuidade do poder do

mal no mundo. Se a vitória está garantida para a igreja, por que então não venceu ainda? A vitória de Jesus Cristo sobre a morte e pecado garante também a vitória para a igreja e os que creem nele. Enquanto o salário do pecado é a morte para quem permanece no pecado, o dom gratuito de Deus é a nossa vitória e vida eterna por Cristo Jesus, nosso Senhor. A atuação da igreja de Jesus Cristo é uma atuação já vitoriosa. Daí o estímulo de Paulo para os crentes todos: *“cada vez mais abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão, no Senhor”*. “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes” (1 Coríntios 15.58).

Capítulo 2

A FORMAÇÃO EM IGREJA PELO ESPÍRITO SANTO NO PENTECOSTES

No capítulo anterior vimos o enunciado panorâmico em tese o estabelecimento da igreja e da sua tarefa no mundo. Era o retrato apenas do aspecto histórico, externo, racional e doutrinário. Era uma declaração do fato, mas não a análise dos seus processos. Neste capítulo desejamos examinar novamente o mesmo assunto a igreja e a sua tarefa - mas dando atenção ao processo da sua formação espiritual ou do seu revestimento de poder ou capacitação para que pudesse cumprir a sua missão. Conhecer este aspecto da igreja é muito necessário hoje em dia quando desejamos tornar o trabalho evangelístico mais eficiente. Não basta conhecermos o fato, é preciso conhecer também os processos. Temos enfatizado quase que exclusivamente a simples implantação ou organização da igreja e pouca atenção temos dado ao processo da sua capacitação espiritual para o cumprimento de sua missão. Como consequência disto, hoje igrejas há que dificilmente mantêm a sua existência; outras há que dificilmente crescem e outras ainda que quase nada fazem para cooperar para fins denominacionais ou para fins missionários. São consequências do nosso trabalho deficiente no passado que devemos procurar evitar.

Por isso abordamos aqui a questão do revestimento de poder ou da capacitação à luz do Novo Testamento: A edificação da igreja ou o seu estabelecimento para a sua obra nos tempos apostólicos era um processo lento e longo, a começar com os próprios discípulos e outros até que chegassem a estar em condições espirituais e mentais para se tornarem e atuarem como igrejas. O estabelecimento da igreja por Jesus Cristo não foi um ato formal, ou simples organização, por exemplo, na base da sua autoridade. A partir da grande confissão de Pedro, em Cesareia de Filipos, de que Jesus era o Filho de Deus e quando Jesus falou pela primeira vez em edificar a igreja, podemos começar o estudo da preparação dos discípulos para sua constituição em igreja. Nessa ocasião Jesus começou a

ensinar o que significava ser Ele o Filho de Deus, que Jesus precisava sofrer. Pedro reagiu logo, dizendo: "Não te aconteça isto" e foi repellido por Jesus, o que constituiu um sério acontecimento no ministério de Jesus. Sem entrarmos em detalhes, vamos notar que foi necessária a transfiguração de Jesus, uma semana depois da confissão de Pedro, para que ali Deus fizesse sentir a Pedro e aos discípulos ali presentes, que eles deviam dar atenção quando Jesus ensinasse sobre a necessidade de padecimento para a edificação da sua igreja, e que não o repreendessem como Pedro o havia feito. A confissão que Pedro havia feito de que Jesus era o Cristo ainda não o qualificava para ser um elemento na constituição da igreja. Ainda não compreendia as coisas de Deus e nem compreendia ainda o que significava a sua própria confissão. Esta foi uma revelação de Deus Pai e não uma revelação de compreensão da "carne e o sangue" humanos.

Notemos ainda que embora Jesus continuasse a ensinar aberta e positivamente sobre a sua ida para Jerusalém e a sua necessidade de sofrer; embora os discípulos nunca se manifestassem contrários a esse ensino de Jesus, eles, no entanto, continuavam sem entendê-lo. Em face da incapacidade de entender dos discípulos e em face da natureza do estabelecimento da igreja, esta constituição só podia se verificar depois como a obra do Espírito Santo, e isto depois de Jesus ter completado a obra de redenção. Ao mesmo tempo a vinda do Espírito dependia de Jesus. João Batista já havia predito que depois dele viria um mais poderoso do que ele, e que este, então, batizaria os homens no Espírito Santo. Esta palavra de João Batista não se cumpriu no tempo de João e nem no ministério terreno de Jesus. Por isto, mesmo na noite em que Jesus foi traído, ou na sua palavra de despedida, Jesus ainda falou aos discípulos da vinda do Espírito Santo, ou de um outro Consolador, o Espírito da verdade, e que completaria neles o que Jesus, com a sua presença, não pode completar. Ele explicou que o Espírito da Verdade iria guiar os discípulos em toda a verdade, e que Ele, o Espírito, glorificaria a Jesus e que, então, os discípulos também o glorificariam. Como se vê até esta altura do ministério de Jesus, os discípulos ainda não estavam em condições para a tarefa que iriam levar a efeito através da igreja.

Mesmo depois da sua paixão e ressurreição, Jesus Cristo ressurreto, no seu primeiro aparecimento aos discípulos ainda os conscientizou de novo com referência a sua missão neste mundo e a atuação do Espírito Santo. Jesus Cristo disse-lhes: *"Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós ... Recebei o Espírito Santo"* (João 20.21-22). Assim Jesus Cristo deixou claro qual seria a tarefa dos discípulos e que eles a levariam a efeito sob a direção do Espírito Santo. Assim passaram os Quarenta Dias e chegou o dia da Ascensão sem a promessa de Jesus se cumprir. Mesmo na ocasião da ascensão Jesus disse aos discípulos que eles ainda precisavam esperar em Jerusalém até que fossem revestidos do Poder ao vir sobre eles o Espírito Santo.

Foi no dia de Pentecostes, então, que se cumpriu a palavra de João Batista, mencionada por Jesus na ascensão, que havia de vir o que era mais poderoso do que ele e que ajuntaria o trigo no celeiro e que lançaria a palha no fogo. Foi no Pentecostes que se cumpriu a palavra de Jesus, quando disse: *"Eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador"*. No Pentecostes, então, os discípulos foram batizados no Espírito Santo por Jesus Cristo e foram revestidos de poder pelo Espírito Santo e foram por ele constituídos em uma comunidade espiritual ou a igreja de Jesus Cristo. *"Foram batizados em um Espírito formando um corpo"* (I Coríntios 12.13). Foram os apóstolos que constituíram o fundamento da igreja. Foi a esta, pois, que se agregaram os que se converteram no Pentecostes e depois. Cumpriu-se assim no Pentecostes a palavra de Jesus a Pedro no momento da grande confissão: *"Sobre esta pedra edificarei a minha igreja"* (Mateus 16.18). Ao tratarmos da preparação dos discípulos para que pudessem ser constituídos o fundamento da igreja e em testemunhas de Jesus Cristo, mencionamos a obra do Espírito Santo neste processo apenas como um fato sem analisarmos ou examinarmos a sua obra como tal. Assim chegamos agora ao ponto onde precisamos completar o assunto. Precisamos perguntar, por exemplo: Que foi então o que aconteceu no dia de Pentecostes? Que experiência ou que significado tiveram, por exemplo, Pedro e os demais apóstolos quando ficaram cheios do Espírito Santo? De que poder foram eles revestidos?

Para termos uma resposta a estas perguntas basta lermos a palavra de Pedro dita no momento. Por estar cheio e sob a atuação do Espírito Santo, Pedro tinha a sua mente aberta e estava capacitado para explicar o que estava acontecendo no momento. Testemunhou que o Jesus que havia sido crucificado e sepultado, havia sido ressurreto dos mortos por Deus e, que havendo recebido a promessa do Pai, havia derramado ou causado o que estava acontecendo. Pedro, que antes não estava compreendendo as coisas de Deus, agora estava compreendendo. O Espírito Santo que estava atuando em Pedro, tinha aberto a sua mente, e atuava como o Espírito da Verdade, ou da interpretação das experiências. Pedro estava revestido da capacidade para interpretar o acontecimento do Pentecostes como obra de Deus em cumprimento da profecia de Joel. Compreendeu que Jesus, embora fosse morto e sepultado, foi ressurreto e feito Senhor e Cristo e que Ele há de reinar até que Deus ponha todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. Pedro e os apóstolos todos haviam sido capacitados pelo Espírito Santo para compreender que a atuação do Espírito Santo tinha a sua origem em Jesus por ter recebido a promessa do Pai. Podiam, portanto, glorificar a Jesus Cristo atuando como suas testemunhas, entendendo as coisas e sabendo o que estavam dizendo. No Pentecostes cumpriu-se a palavra de Jesus na ascensão: *"E recebereis poder quando vier sobre vós o Espírito Santo"*. Na linguagem de Paulo, assim foram *"batizados num Espírito"*, formavam um corpo, uma coletividade espiritual, que chegou a ser

reconhecida depois como *"igreja"*. A atuação do Espírito Santo era glorificar nos apóstolos e através deles e outros, a Jesus Cristo como Senhor e Salvador daqueles que nele creem.

Capítulo 3

O REVESTIMENTO DE PODER DA IGREJA EM JERUSALEM

Vimos no capítulo anterior como os apóstolos receberam o poder no Pentecostes. Quando o Espírito Santo veio e abriu, por assim dizer, a sua mente, de imediato eles compreenderam o ministério de Jesus, ou suas experiências que haviam tido com Ele. Assim os apóstolos tornaram-se testemunhas de Jesus. Puderam interpretar o que tinham visto e ouvido e isto na perspectiva das Escrituras Sagradas. A compreensão das suas experiências tornou-se para os apóstolos o seu revestimento de poder e a mensagem ou conteúdo do seu testemunho. Esta era a essência ou significado do acontecimento de Pentecostes. A prova disto era a mensagem de Pedro proferida naquele dia. Basta recordar o que Pedro era no seu modo de pensar e proceder antes e o que havia se tornado em consequência da vinda e atuação do Espírito Santo nele.

O revestimento de poder dos outros que não eram apóstolos, ou dos que se converteram no Pentecostes depois pela pregação dos apóstolos era de um aspecto distinto do aspecto dos apóstolos. Não foi nem podia ser idêntico ao processo pelo qual os apóstolos o receberam. Os que não eram apóstolos e que não conheciam as obras e os ensinamentos de Jesus, não foram revestidos de poder pelo processo dos apóstolos que haviam estado com Jesus. Faltavam neles os fatos da experiência como base do testemunho. Eles certamente, puderam crer e creram na palavra ou testemunho de Pedro; puderam arrepender-se dos seus pecados de não crerem em Jesus; puderam converter-se; puderam ser batizados e agregados aos apóstolos, mas faltava-lhes o conhecimento da experiência com Jesus. Não estavam, pois, em condições de serem revestidos do poder de conhecimento pelo processo de como o foram os apóstolos. Faltava-lhes o conhecimento do que Jesus havia feito e ensinado. Para receberem esse conhecimento, precisavam recebê-lo mediante uma permanência no doutrinamento ministrado pelos apóstolos; precisaram ser ensinados. Depois de evangelizados pelo testemunho de Pedro e depois de convertidos pela fé em Jesus Cristo, precisaram conhecer a obra e o ensino de Jesus como Salvador e Senhor. Sem isto nenhuma atividade cristã puderam exercer. Por isto, como declara a Escritura, eram os apóstolos que davam o testemunho com poder da ressurreição de Jesus Cristo e não diz que os

recém convertidos exercessem alguma atividade externa.

A atividade dos apóstolos de ensinar os novos convertidos e de evangelizar os outros mediante o seu testemunho da ressurreição prosseguiu ou continuava até que o próprio Sinédrio dos judeus acusou os apóstolos de terem eles enchido a cidade de Jerusalém de sua doutrina. Paralelamente com o seu trabalho externo evangelístico os apóstolos, prosseguiram também no doutrinamento dos que se converteram no Pentecostes e iam se convertendo depois. Quando, em consequência do crescimento numérico dos crentes, surgiu a necessidade de organizar o trabalho e distribuir as responsabilidades; quando os apóstolos sugeriram a multidão dos crentes que se escolhessem diáconos para as atividades da igreja, já havia na igreja, crentes doutrinados, ou elementos capacitados para servir às mesas e que puderam ser escolhidos e encarregados deste trabalho. Entre os crentes escolhidos havia também alguns crentes aptos para pregar e propagar o Cristianismo como, por exemplo, Estevão, Filipe e outros que estavam em condições de interpretar à luz das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento, o procedimento dos judeus que haviam crucificado a Jesus. Quando depois, em virtude do impulso do trabalho, a palavra de Deus se multiplicava muito (Atos 6.7) e quando surgiram perseguições contra a igreja e quando todos os crentes foram dispersos exceto os apóstolos, estes crentes dispersos pelas perseguições, já se revelaram estarem em condições de anunciar ou propagar a Palavra por onde iam, embora inicialmente falassem somente aos judeus. Houve, no entanto, também alguns que, ao passarem fora da Palestina, pregaram também aos gregos (Atos 11.20). Assim os apóstolos de Jesus Cristo através do trabalho do seu testemunho e doutrinamento dos que se converteram cumpriram a grande comissão de Jesus Cristo, que mandou fazer discípulos de todas as nações visando alcançar os confins da terra. Estavam fazendo discípulos e estavam ensinando-os a observar o que Jesus havia ordenado.

O que desejamos enfatizar neste relato histórico é o fato de que os convertidos que se haviam batizado no Pentecostes e depois, não se tornaram revestidos de poder por nenhum processo especial ou imediato, como isto se verificou com os apóstolos, mas sim foram revestidos de poder pelo doutrinamento ou ensino ministrado pelos apóstolos e pelo cultivo das outras atividades espirituais e básicas na igreja: cultivo da comunhão fraternal, observação da Ceia do Senhor e orações (Atos 2.42). Repetimos: Converteram-se pelo arrependimento e fé em Jesus Cristo mediante o testemunho dos apóstolos, e foram revestidos de poder e coragem pelo Espírito Santo que veio sobre eles mediante o estudo da obra de Jesus Cristo neste mundo à luz das Sagradas Escrituras.

Este é o processo de revestimento de poder ou da capacitação de que os crentes e igrejas de hoje precisam seguir para intensificar a obra da evangelização. Campanhas de crentes sem doutrinamento ou treinamento

não podem produzir frutos permanentes. Uma campanha sem conhecimento dos fatos das Escrituras e particularmente da vida e obra de Jesus Cristo e do seu significado na base da experiência e testemunho pessoal não atrai nem interessa aos homens perdidos. Na história dos tempos apostólicos, na atuação dos apóstolos e outros, temos o exemplo para os crentes de hoje. Hoje precisamos seguir o exemplo dos apóstolos de Jesus e dos outros crentes primitivos em matéria de revestimento de poder para atuarem como testemunhas de Jesus para evangelização de indivíduos perdidos agregando-os através do batismo e ensinando-os a guardar ou pôr em prática o que Jesus ordenou.

Capítulo 4

O PROCESSO MODELO EXEMPLIFICADO NA IGREJA GENTÍLICA EM ANTIOQUIA

Depois do estabelecimento da igreja judaica em Jerusalém com os apóstolos como fundamento e com os novos convertidos no Pentecostes, depois ainda desta igreja estar revestida de poder pelo doutrinamento moral e espiritual dos crentes, o processo para o estabelecimento e formação da igreja apostólica ainda não havia chegado a ser um exemplo completo. Este processo só se completou na formação da igreja gentílica em Antioquia da Síria. Com o surgimento, desenvolvimento interno e atuação externa desta igreja completou-se, por assim dizer, o processo da formação de igrejas ou do Cristianismo organizado para servir de modelo em qualquer tempo e lugar.

A igreja em Antioquia surgiu por um processo que podemos chamar de empírico ou natural, sem apresentar aspectos especiais como marcos históricos ou sobrenaturais visíveis, como isto se verificou na formação da igreja em Jerusalém, embora a atuação divina estivesse sempre implícita nela. A igreja em Antioquia surgiu como fruto da divulgação da palavra do evangelho pelos crentes dispersos da igreja em Jerusalém, pelas perseguições. Barnabé, que foi enviado para Antioquia pela igreja em Jerusalém, não era do grupo dos doze apóstolos. Quando ali chegou, exortou que os convertidos em Antioquia se constituíssem em igreja

permanecendo no Senhor. Agregaram-se ao Senhor e não aos apóstolos como tinha sido o caso quando se estabeleceu a igreja em Jerusalém no Pentecostes e em outros casos depois como, por exemplo, em Samaria.

Barnabé vendo que sozinho não podia promover o desenvolvimento da nova igreja em Antioquia, foi buscar e trouxe Saulo de Tarso, convertido há alguns anos antes. Então ambos, Barnabé e Saulo, durante um ano inteiro se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente. Em outras palavras, promoveram uma campanha de doutrinação e evangelização, semelhante àquela que houve em Jerusalém, a partir de Pentecostes sob a direção dos apóstolos. Este trabalho de doutrinação e evangelização revolucionou a cidade de Antioquia ao ponto de ali os discípulos pela primeira vez na história serem apelidados de "*cristãos*" (Atos 11.26) o que nunca havia acontecido em Jerusalém, embora os apóstolos ali também tivessem enchido a cidade de sua doutrina (Atos 5.28).

Depois de a igreja em Antioquia estar doutrinada e em franca atividade evangelística na cidade e tendo ainda um ministério composto de três profetas e dois doutores, o Espírito Santo falou a estes obreiros quando estavam reunidos em culto, dizendo: "*Apartai-me a Barnabé e Saulo para a obra para que os tenho chamado*" (Atos 13.2). Estando a igreja em Antioquia doutrinada e empenhada na evangelização, o Espírito Santo pode lhe falar da obra missionária, da necessidade e obrigação de ela cumprir a grande comissão de Jesus Cristo de levar o evangelho até os confins da terra. A igreja em Antioquia, que era fruto de um trabalho evangelístico espontâneo e pessoal e que tinha sido doutrinada, estava agora em condições de ouvir e aceitar a palavra do Espírito Santo. O segredo da iniciativa missionária espontânea da igreja em Antioquia era a sua atitude de obediência a Jesus Cristo orientada pelo Espírito Santo e não qualquer pressão externa. A presença e operação do Espírito Santo nos crentes e igrejas sempre se relacionam com a promoção do Evangelho de Jesus Cristo (Atos 11.24). Disto é exemplo a igreja em Antioquia.

Quem promoveu a organização da igreja em Antioquia, o seu doutrinação e sua expansão evangelística foi Barnabé, um leigo e homem cheio do Espírito Santo e de fé (Atos 11.24). Foi Barnabé e os outros obreiros, em obediência ao Espírito Santo, que levaram a igreja em Antioquia a enviar missionários para lugares ainda não alcançados pelo Evangelho. Foi um exemplo de como o Espírito Santo interpretou a esta igreja a vontade de Jesus Cristo. Esta é a obra do Espírito Santo, declarada pelo próprio Cristo: "*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*" (Apocalipse 2.7). Este é o caminho também para as igrejas de hoje se revestirem de poder para combaterem e conquistarem "*as portas do inferno*" (Mateus 16.18) revelado na sua primeira referência à igreja.

Para compreendermos o significado histórico e ideal da igreja em Antioquia para o tempo atual, devemos notar que o revestimento dos crentes e igrejas de poder nos tempos apostólicos para uma promoção ideal

do reino de Deus só se completou em condições próprias para darem frutos permanentes com o estabelecimento e expansão da igreja em Antioquia. O trabalho de Barnabé com a sua atuação livre e autônoma foi o fruto livre e autônomo da obra dos apóstolos que no Pentecostes foram batizados no Espírito Santo, mas através dos quais o Espírito Santo não pode iniciar a obra missionária ordenada por Jesus Cristo na sua grande comissão (Mateus 28.19). Para isto era preciso vencer os obstáculos no terreno empírico na transição da mentalidade legalista para a mentalidade da liberdade.

Embora pela sua vinda e operação no Pentecostes, o Espírito Santo estabelecesse nos apóstolos o fundamento de uma comunidade espiritual, o fato deste estabelecimento, porém, não passou além de uma experiência empírica ou sensível. A vinda do Espírito Santo sobre eles precedida por fenômenos físicos e visíveis. Depois a vinda do Espírito Santo manifestou-se neles como sinais audíveis como a revelação de Deus no seu mundo subjetivo e mental. Embora o Espírito Santo se manifestasse através de sinais sensíveis e visíveis, e embora se manifestasse como uma revelação mental e sobrenatural, esta operação do Espírito no caso foi uma realidade empírica e não uma realidade racional ou conscientemente intelectual. No Pentecostes os apóstolos embora, batizados no Espírito Santo, não compreenderam, por exemplo, que Deus tivesse aberto a porta da fé para os gentios. O reconhecimento dos samaritanos convertidos pela pregação de Filipe, foi admitido pelos apóstolos na base da manifestação do Espírito Santo mediante a imposição sobre eles das mãos de Pedro e João que foi um ato empírico. A mesma falta de compreensão precisava ser vencida no caso reconhecer a conversão de Cornélio. Quando Pedro em defesa própria, relatou as condições que o levaram à casa de Cornélio e a batizar Cornélio e a sua casa, os judeus legalistas, diante das circunstâncias, só admitiram que Deus tivesse admitido Cornélio à fé cristã excepcionalmente. Era uma admissão empírica, mas racionalmente não compreendida. Os cristãos judaicos em Jerusalém nunca chegaram à admissão dos gentios livremente à fé cristã. Nunca se libertaram do modo judaico de pensar. Daí o motivo de Jerusalém não se tornar o berço da obra missionária. Entenderam a atuação de Deus só empiricamente e não espiritualmente.

Embora o Espírito Santo se manifestasse empiricamente aos apóstolos e aos outros cristãos em Jerusalém, Ele não pode ainda falar ou revelar-se livremente a eles sobre a expansão missionária do Cristianismo. A expansão que houve por parte dos crentes da igreja em Jerusalém não foi um movimento espontâneo ou voluntário. Foram forçados por perseguições e só falaram a palavra aos judeus e não aos gentios. Não era, portanto, uma motivação ideal por parte dos cristãos judaicos. Antes, foi uma necessidade externa e não uma motivação voluntária e inteligente. Quando o Espírito Santo falou aos obreiros da igreja em Antioquia, dizendo: *"Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado"*, Ele distinguiu

entre a tarefa e a responsabilidade dos obreiros e da igreja e a missão própria do Espírito Santo como interprete e continuador da obra redentora de Jesus Cristo no mundo. Para esta, para a qual o Espírito Santo escolheu Barnabé um profeta, pregador, e Saulo um doutor ou aquele que ensina. Na escolha estavam indicadas implicitamente, as atividades essenciais a serem exercidas na pregação e na edificação do corpo de Jesus Cristo ou o Cristianismo organizado para a promoção do reino de Deus na terra. Assim em Antioquia da Síria, e não em Jerusalém, foi posta em cumprimento pelo Espírito Santo a grande comissão de Jesus Cristo.

Capítulo 5

A IGREJA COMO AGÊNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NO PANORAMA MUNDIAL.

Para estimularmos a evangelização em nossos dias, as igrejas e os crentes precisam ter a visão panorâmica, apresentada por Jesus Cristo em Apocalipse 22.12-21, dos elementos e aspectos essenciais da obra em todos os tempos e lugares. No nosso estudo vimos o que é a igreja e a sua tarefa; a capacitação necessária para o cumprimento de sua finalidade. Isto, porém, ainda não basta. Precisamos ver ainda o processo ou como prossegue a obra e como chegará à sua consumação. Em Apocalipse 22.12-21, temos o panorama do processo de evangelização por Jesus Cristo, o autor da obra. Aqui estão focalizados os agentes, os aspectos essenciais ou universais, operantes em todos os tempos e lugares. Está aqui também a mensagem básica da evangelização e as condições para que seja válida e alcance o seu objetivo.

1 - Os agentes da evangelização. Desde o começo da expansão do Cristianismo até a sua consumação os agentes são três: o Espírito Santo, a esposa ou a igreja, e o crente individual. A evangelização do mundo é obra divina; é obra do Espírito Santo; é obra também humana, da igreja, como comunidade espiritual e obra de cada crente individual. Neste panorama, pois, cada igreja e cada crente contemplam o seu lugar no cumprimento do propósito de Deus. Cada igreja e cada membro seu, por exemplo, pode ver o seu lugar como cooperador com Deus. Este panorama foi revelado por Jesus ao apóstolo João na sua visão que teve na ilha de Patmos, e foi escrito para nossa clareza e orientação.

Vejam agora separadamente cada agente da evangelização. "*O Espírito e a esposa dizem vem*". O agente ou o líder da evangelização do mundo é o Espírito Santo, que foi dado aos crentes por Deus Pai, mediante o rogo do Deus Filho, para que ficasse junto com Jesus Cristo para o

glorificar, para que os guiasse em toda a verdade, para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. O Espírito Santo é o líder em anunciar ao mundo a obra redentora de Jesus Cristo. Foi dado para este fim e nisto o Espírito representa nos crentes, Deus o Pai, e Deus o Filho no mundo. Ele não fala de si mesmo. A atuação e a obra do Espírito Santo precisam ser compreendidas e reconhecidas por nós, se queremos apressar a evangelização e a obra missionária até aos confins da terra.

Em segundo lugar é apresentada no panorama a Esposa ou a Igreja, como agente de evangelização, que juntamente com o Espírito diz "*vem*". Vemos aqui a Igreja apresentada como agência da evangelização mundial. Focalizamos aqui como se edificou a Igreja, ou como se deu a sua constituição. Basta recordar como no Pentecostes e depois, os que se converteram foram batizados, na linguagem simbólica de Paulo, em um Espírito, formando um corpo ou igreja, sendo o Cristo o Cabeça. Por isso, Jesus no seu ministério terreno, referindo-se à igreja, disse "*minha igreja*". A Igreja está entregue à orientação do Espírito Santo e através dela como seu corpo, Jesus Cristo opera no mundo em todos os tempos e lugares. No propósito divino, a igreja é a única agência evangelizadora, constituída de elementos humanos. Este fato deve merecer a nossa atenção hoje em dia quando surgem outras instituições humanas fora das igrejas e atraem, às vezes, mais atenção do que as próprias igrejas e as deixam de lado por completo. Certamente, toda a iniciativa e atividade individual ou coletiva para promover a evangelização e outros esforços construtivos para este fim, são legítimos e necessários, mas nunca devem obscurecer ou tomar o lugar da igreja de Jesus Cristo. Esta é a única instituição divinamente edificada e constituída para liderar a promoção do reino de Deus. As outras instituições, de origem humana, facilmente tendem a glorificar a obra humana e a prejudicar a obra divina os castiçais que devem resplandecer a luz da salvação são as igrejas: estas são as colunas que devem sustentar a verdade de Deus no mundo. São as igrejas que, na palavra de Pedro, devem irradiar as virtudes do seu Salvador. A Igreja, certamente, está no mundo, mas não é do mundo, e de modo algum poderia misturar-se com o mundo no cumprimento da sua missão de evangelizar o mundo.

A evangelização não é a tarefa só da igreja como coletividade; é também tarefa do crente como indivíduo e membro do corpo de Cristo. Quem ouviu a chamada do evangelho e se converteu e tornou-se membro do corpo de Cristo, deve chamar também outros indivíduos, dizendo a cada um "*vem*". Esta foi a atuação dos discípulos de Jesus. Quando ouviram dele o convite: "*vinde e vede*", e quando foram e o viram, disseram depois aos outros: "*Achamos o Messias*". Testemunharam da sua experiência pessoal para levá-los a Jesus. Também depois do Pentecostes a expansão do Evangelho foi essencialmente obra pessoal de crentes que tinham permanecido no doutrinamento dos apóstolos e que depois foram dispersos pela perseguição. A finalidade das igrejas nos tempos apostólicos e as funções

nelas estabelecidas por Deus, visavam a capacitação dos crentes para toda a boa obra, inclusive as missões como se verificou na igreja de Antioquia da Síria, por exemplo. A campanha de avivamento visando evangelização e mordomia deve começar com crentes, com indivíduos, com conscientização da sua tarefa pessoal ao invés de pressão externa sobre eles como grupos. Primeiro é o indivíduo convertido que deve dizer "vem" ao seu companheiro não convertido.

2 - As pessoas a serem evangelizadas. O panorama da evangelização mundial especifica as pessoas que precisam ser evangelizadas à luz da Palavra. O propósito de Deus, certamente, inclui a todos os homens. Diz, por exemplo, todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus. Deus não tem prazer na morte do ímpio, mas sim que o ímpio viva. Deus quer que todos sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade. Jesus dizia: *"Vinde a mim todos e eu vos aliviarei"*. Paulo disse que Cristo morreu por todos. Jesus não veio para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. A vista panorâmica da evangelização não exclui a ninguém. Quem evangeliza deve sentir a extensão da obra e da sua responsabilidade nela. O campo é o mundo. Ninguém está excluído, seja qual for a sua condição social ou econômica. Deus amou o mundo todo e Cristo morreu por todos. Fez tudo por todos e seu propósito é que todos sejam salvos.

Esta descrição da necessidade universal, porém, ainda não focalizou a condição básica que a evangelização possa ignorar ou deixar de apelar. É motive para o qual o Espírito, a igreja e todo o crente apelam e para o qual a evangelização todos nós devemos apelar: Devemos dizer: *"Quem tem sede, venha"*. Haverá, porventura, alguém que não tenha sede e não necessite de satisfazer a esta necessidade capital da sua vida? O salmista disse: *"Assim como o cervo brama pelas águas, assim a minha alma tem sede de Deus"*. O profeta Isaías, falando em nome de Deus, disse: *"Ó vós todos que tendes sede, vinde a mim, e a vossa alma viverá"*. Jesus disse à samaritana: *"Eu sou a água viva, quem tomar esta água que eu lhe der nunca terá sede"*. O panorama dos homens a serem evangelizados mostra a sua necessidade vital, mostra a sua agonia e esforços inúteis para salvar a sua alma com outras coisas. O evangelista deve olhar para o mundo que tem sede e que gasta o seu dinheiro e esforços naquilo que não pode satisfazer. Quantos buscam satisfação em jogos, em drogas; quantos andam em agonia sem conseguir satisfazer a alma e o espírito. Evangelizar é dizer aos sedentos: *"Vinde às águas"*, vinde a Cristo.

Para evangelização não basta ver oportunidade, necessidades e possibilidade universal da salvação. Devemos observar também as condições que cada pessoa, como indivíduo, precisa cumprir para satisfazer sua própria sede.

Embora Deus tenha preparado em Cristo a salvação para todos e embora queira que todos sejam salvos, o pecador tem uma condição que

ele precisa cumprir. O êxito da evangelização não se verifica só na base da vontade de Deus, nem só na base da nossa vontade humana como crentes. A salvação nunca poderá ser unilateral. Não podemos esperar o resultado final unilateralmente como dependentes só de Deus. A salvação não será por milagre contra a vontade do pecador. Também nós não podemos forçá-la. Por pior que seja sua condição, por mais fraco que seja o pecador, devemos dizer a ele ou junto ao homem "Quem quiser, tome de graça da água da vida". É uma condição absoluta e universal. O homem não terá sua sede satisfeita, se ele não exercer sua própria vontade, se ele mesmo não a quiser satisfazer. Também é a condição mínima e que está ao seu alcance: o pecador precisa querer expressar o seu querer. A salvação é de graça; está ao alcance de todos, mas ninguém será salvo sem ele mesmo o querer.

Pelo fato de ser a salvação pela graça, não quer dizer que o pecador poderá ser salvo de qualquer maneira, isto é, sem ele mesmo querer, sem ele mesmo vir e sem tomar de graça a água. Assim como Deus respeita a liberdade do homem, assim também o homem deve usar a vontade que Deus lhe deu. O homem absolutamente não deve ficar esperando e dizendo: "Quando Deus quiser", como fosse para tentar a Deus, para violar a sua própria santidade e fidelidade para consigo mesmo. Sem respeitar a liberdade de Deus ninguém será salvo. Na evangelização, portanto, devemos dizer ao pecador: *"Quem quiser, venha e tome de graça da água da vida"*. Não devemos desprezar a santidade da liberdade do homem, influenciando-o a negligenciar sua vontade para não decidir sua própria situação eterna. Na evangelização, são estas as condições que precisam ser enunciadas com absoluta clareza para que ninguém se engane e pereça por causa de alguma mensagem deficiente nossa. O pecador precisa aceitar livremente, sem nenhum constrangimento externo; deve aceitar a salvação de graça e não como fosse algo merecido ou uma obrigação forçada por parte de Deus. É uma condição universal em todos os tempos e lugares. Ninguém se engane, pois, esperando o fruto da bondade de Deus, mas sem observar a santidade do propósito de Deus.

Neste quadro panorâmico da evangelização mundial devemos observar ainda o resultado final da atuação do Espírito Santo, da igreja e do crente como indivíduo. Qual será, então, o resultado de quem quiser e tomar de graça a água para satisfazer a sua necessidade? Ele: receberá a água que o satisfará de uma vez para sempre. Cumprir-se-á nele a promessa de Jesus: *"Aquele que tomar da água que eu lhe der nunca terá sede, mas a água se fará nele uma fonte de água que salta para a vida eterna; nunca terá sede"*. Na evangelização, então, devemos dizer ao pecador "vem"; quem já veio e achou satisfação para si, deve dizer "vem", na base da sua própria experiência. "Vem" para onde eu estou. A salvação não é "lá", mas é aqui onde estão com Cristo os remidos, salvos e satisfeitos com a água da vida que é eterna.

Neste panorama da evangelização mundial exige-se da igreja e do indivíduo um cumprimento absoluto. Se alguém lhe acrescentar alguma coisa, diz a Palavra Sagrada, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro. Também, por outro lado, diz: *"Se alguém tirar quaisquer palavras desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade Santa, que estão escritas neste livro"* (Ap. 22.17).

O presente esboço panorâmico da tarefa das igrejas na evangelização mundial deve, pois, merecer cuidadoso estudo, e oração a Deus para que se torne uma revitalização para todos quantos o lerem.